

## POÉTICA DA HESITAÇÃO E AS NARRATIVAS AUTOFICCIONAIS NA ERA DA TRANSMÍDIA

(A ZIGLA<sup>1</sup>) ANDRÉ MARTINS ZIEGLER<sup>1</sup>; FELIPE MERKER CASTELLANI<sup>2</sup>;  
ROSÂNGELA FACHEL DE MEDEIROS<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – aa.martinz02@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – rfelipemerkercastellani@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – rosangelafachel@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este resumo expandido de cunho ensaístico apresenta um recorte de minha pesquisa de mestrado.<sup>2</sup> A qual trata sobre uma imersão investigativa poética na ideia de prática autoficcional, que mescla o delineamento de três aspectos históricos do termo autoficção, discutidos no campo da literatura francesa e que reverberam para as diversas formas e campos das artes contemporâneas, e [auto] percepções surgidas durante as minhas práticas artísticas em artes digitais transmídia e poéticas autofissionais. Desenvolvo, assim, uma escrita em primeira pessoa na qual reflito acerca de como o termo constitui-se enquanto uma mutação cultural desencadeadora de práticas autofissionais, únicas para cada pessoa que narra a si-mesma. Nessa circunstância, à medida que apresento os aspectos teóricos do termo também relato vivências, afetos e empirismos relativos ao contexto brasileiro e contemporâneo que envolve e constitui a minha corporeidade e meus estados de criações em artes. Com isso pontuo a importância de [auto] perceber as diversas circunstâncias artísticas, tecnológicas, políticas, industriais, estéticas e sociais em uma prática de narração autoficcional. E começo a compreender, assim, o meu fazer poético enquanto uma dimensão investigativa que me possibilita analisar e friccionar sentidos e noções de mim-mesma e as mundanidades que constituem meus modos de pensar e agir. Assinalo a partir disso, sobre um processo de hesitação poética nos agenciamentos de minhas atitudes estéticas, discursivas e processos de participação em uma indústria criativa permeada por mídias e suas: realidades virtuais da cibercultura, que atualizam subjetividades neoliberais de hierarquização, industrialização e categorização dos modos de se viver; e redes sociais monetizadas, que incitam *hypes* e *trends* (normatizações) em forma de imagens e vídeos instantâneos, espetaculares, genéricos e virais. Nesse sentido, ainda reflito como a nossa própria noção de existência, e, portanto, o nosso aspecto profissional produtor e modos de nos lermos e narrarmos, é posta em ambiguidade nessa "Era das transmídia".

### 2. METODOLOGIA

---

<sup>1</sup> Nome social e artístico, por compreender-me uma pessoa trans não-binária.

<sup>2</sup> *Nebulosa Autoficcional: artes em transmídia e uma poética da hesitação* é uma dissertação poética que venho desenvolvendo junto ao Programa de Pós Graduação Mestrado da Universidade Federal de Pelotas pela linha de Processo de Criação e Poéticas do Cotidiano e bolsa pós-graduação CNPQ



Em minha pesquisa poética recorro a diversos processos de revisão e análise: bibliográfica, artística, afetiva e midiática. Inicialmente, referente a alguns aspectos históricos, teóricos e poéticos do termo autoficção traço discussões e definições a partir do livro *Ensaio sobre Autoficção* (2014) de Jovita Maria Gerheim Noronha, além do artigo *Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas* (2013) de Luciana Hidalgo, e ensaios do cunhador da autoficção Serge Doubrovsky e do teórico Philippe Gasparini. Concomitante, apresento [auto] percepções humanísticas vindas de vivências cotidianas e profissionais, e processos de criação em artes. Nos quais realizo, a partir de um banco digital em que cultivo representações em *bytes* e *pixels* de corpos de pessoas e animais, objetos, paisagens terrenas e cósmicas e texturas geométricas e orgânicas, experimentações estéticas visuais e sonoras por meio da pintura, colagem, edição e ilustração digitais. São por meio, então, de *softwares*, como editores de imagens e vídeos, e realidades virtuais digitais, nuvens, redes sociais e sites, que eu exploro recursos e técnicas para desenvolver visualidades e narrativas autofabulativas<sup>3</sup>. Intersecciono, assim, a investigação poética com o campo teórico das mídias e da transmidialidade em perspectiva de convergência e industrialização do sentido da vida, referenciando os teóricos Henry Jenkins e Eugênio Bucci. Essas revisões e reflexões teórico-críticas alicerçam em minha dissertação poética uma combinação entre inspirações artísticas, vindas de produções apresentadas nas grandes mídias cotidianas, como o cinema e as plataformas de *streaming*, e escrita acadêmica intertextualmente relacionada com os meus contos ficcionais e visualidades imagéticas, apresentadas como em expansão nas diversas mídias, como as objetuais da produção de figurinos e esculturas, as performáticas de ensaio fotográfico e as digitais virtuais de edição e apresentação audiovisual.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo das histórias das artes, a temática de representação de si tem apresentado diversos aspectos estéticos, visuais e narrativos. A autoficção, termo cunhado por escritor francês Serge Doubrovsky para a compreensão das narrativas autobiográficas enquanto inevitavelmente ficcionais, pode ser entendida de maneira ampla como “uma palavra narrativa, que basta desdobrar para que apareçam todos os tipos de histórias pessoais” (GASPARINI apud NORONHA, 2014, p.218). Mesclando ficção e filosofia autoanalítica, Doubrovsky reflete sobre a existência de uma “psicanálise existencial” nas suas escritas autoficcionais. A partir disso, pontuo a autopercepção como primeiro aspecto histórico herdado termo. Para Philippe Gasparini, Doubrovsky constituiu uma dupla acepção do termo autoficção (apud NORONHA, 2014, p. 195): como experiência de análise de si e da própria forma que é narrada (GASPARINI apud NORONHA, 2014, p. 191); e como uma “autobiografia pós-moderna” (GASPARINI apud NORONHA, 2014, p. 194). A partir disso, outro aspecto importante herdado

---

<sup>3</sup> Autofabulação é um termo que se originou do termo guarda-chuva autoficção. Gasparini (apud NORONHA, 2014, p.203) nos propõe diferenciar a autoficção enquanto um ato consciente de questionamento sobre si e das formas de narrar a si-mesmo. Já a autofabulação é mais próxima de uma narração heroica, que põe a ficcionalização de fatos e vivências em deliberadas situações imaginadas e fantásticas. Compreendo a autoficção como mais crítica e filosófica, e a autofabulação mais voltada para uma escrita de entretenimento e romantização das vivências e emoções sentidas.

pelo termo autoficção é a prática textual, já que é somente por meio dela que é possível [auto] analisar os diferentes contextos e circunstâncias culturais que envolvem e constituem a nossa existência.

Frente a isso, pontuo que o conceito de realidade é algo complexo e impossível de ser encarado de maneira homogênea e imutável, o processo autoficcional se torna potente e pertinente, no contexto de um mundo globalizado e intercultural, por ser dinâmico, variando de acordo com os pactos oximóricos<sup>4</sup> - pessoais e extrapessoais. Diferentemente dos pactos autobiográfico e romanesco, o pacto oximórico propõe a ambiguidade, dúvida, e não o relato de fatos com uma finalidade de verificá-los como verdadeiros, "abrindo novas perspectivas de leitura – a leitura simultaneamente referencial e ficcional de um mesmo texto". (HIDALGO, 2013, p. 221). Compreendo, assim, que esses três aspectos da autoficção – de um estado de autopercepção, da estrutura textual e do pacto oximórico - fazem do termo autoficção “o nome de uma mutação cultural” (GASPARINI apud NORONHA, 2014, p.214).

Segundo Luciana Hidalgo (2013, p. 220) um dos precursores da autoficção no Brasil foi o escritor Silviano Santiago, por meio da obra *Histórias mal contadas* (2005), sendo seguido por Cristóvão Tezza, com o livro *O Filho Eterno* (2007), o qual foi posteriormente adaptado para o teatro (2011), por Bruno Lara Resende, e para o cinema (2016), por Paulo Machline - algo importante de ser observado para evidenciar que a autoficção contemporânea brasileira é bastante propensa a ser um conteúdo transmídia. Hidalgo (2013, p. 231) lembra, ainda, *Cidade de Deus* (1997), com “a fragmentação do eu do autor, Paulo Lins, em inúmeros personagens.” (HIDALGO, 2013, p. 231). Também adaptada para o cinema (2012) por Fernando Meirelles, e roteiro por Bráulio Mantovani, a obra ficou reconhecida pelo seu impacto político e social. Mesmo não sendo reconhecida por Lins enquanto autoficção, o transbordamento entre as diferentes mídias, películas no cinema, vídeos publicitários e textos críticos, estreitou a relação da vida do autor com a história contada em seu livro. Esses casos apontam a autoficção inevitavelmente como conteúdo transmídia diante da atual conjuntura da indústria criativa constituída por uma cultura de fãs consumistas e propagandas midiáticas. Henry Jenkins (2009) já refletia a convergência das mídias como uma resposta às novas exigências aos consumidores que migram entre diversas mídias em busca de enternecimento (2009, p.48). As quais o autor pontua como resultantes das transformações mercadológicas, culturais e sociais de um cenário contemporâneo marcado por grandes e rápidos avanços tecnológicos dos meios de comunicação, que são dinamizados por três pilares: convergências midiáticas, racionalidades coletivas e culturas participativas.

Nesse contexto, reflito que pessoas se portam enquanto suas próprias mídias, transitando entre as diferentes demandas e formas de manutenção dos poderes econômicos de determinados grupos de pessoas privilegiadas por um processo de colonização violenta e patriarcal. A transmidialidade das ficções e autoficções sugerem como normatização a relativização e a monetização das conjunturas políticas, ecossistêmicas e das circunstâncias de pessoas e outros seres vivos reais em uma disputa por visibilidade e poder de existir em prosperidade. Logo as minhas práticas autofissionais, quando discutidas em minha dissertação, além de indicarem tentativas de emancipação das noções dicotômicas, patriarcais e hierarquizantes brasileiras, também, apontam uma

---

<sup>4</sup> Oximórico é uma figura de linguagem que consiste em relacionar numa mesma expressão ou locução palavras que exprimem conceitos contrários.

univocidade de mim-mesma com as produções e mídias de entretenimento em artes, requerendo uma hesitação em frente aos meus processos de criação de artes e da inserção de minhas produções em um mercado de trabalho precário e exaustivo, que agora possui uma nova interface glamourizada das redes sociais monetizadoras.

#### 4. CONCLUSÕES

Tenho desenvolvido, assim, um universo ficcional intitulado como *Dias Amarelos*. Composto por um ensaio fotográfico referente ao momento de isolamento social, por conta do COVID-19 e da situação política do Brasil, e dois contos literários autofabulativos, intitulados de *Sonhador Só* (2020- andamento), no qual narro sobre um trauma de infância e o conflito entre os personagens Pirralho e Adulto Bocó, e *Psyart* (2021- andamento), narrativa futurista e distópica sobre um processo terapêutico, que por meio de equipamentos tecnológicos e interfaces digitais são criadas imagens figurativas de emoções e memórias dos pacientes para a medição da vibração hertz dos seus corpos. Essas narrações constituem uma dimensão autoficcional de [trans] mediação de mim-mesma em: um processo de *queerização* que resgata a minha história e proporciona um processo de cura das repressões estéticas, sociais e sentimentais normatizadas em uma cultura maior brasileira; em uma investigação dissertativa autoficcional, que mescla ficção e cientificidade humana para reflexão poética de produções artísticas; e em atitudes críticas produtoras de novas racionalidades a respeito da minha sexualidade, branquitude, espiritualidade, profissionalização e participação em da indústria criativa e suas mídias e redes sociais.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

##### Livro

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. **Ensaio sobre a autoficção**. Belo Horizonte. Editora UFGM. 2014.

##### Capítulo de livro

BUCCI, Eugênio. **A Superindústria do Imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível**. São Paulo. Editora Autêntica. 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Brasil: Editora Aleph, 2009. Capítulo 03: p.138-194.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes Ltda. 1ª edição 2014, 2ª tiragem 2019.

##### Artigo

HIDALGO, Luciana. **Autoficção brasileira: influências francesas, indefinições teóricas**. Revista Alea, vol.15, n.1, pp.218-231. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2013000100014>.